

RESUMO - GT1 - PERSPECTIVAS AFRODIASPÓRICAS E/OU DECOLONIAIS

**INVISIBILIDADE DA CULTURA NEGRA NA GEOGRAFIA CULTURAL: UMA
ANÁLISE CRÍTICA DA REVISTA ESPAÇO E CULTURA**

Aline Soares Rangel (allieil_4@hotmail.com)

A presente dissertação analisa criticamente a invisibilidade da cultura de matriz africana no campo da Geografia Cultural brasileira, tendo como foco empírico a revista Espaço e Cultura, importante veículo acadêmico da área. A pesquisa parte do reconhecimento de que o currículo universitário não é neutro, mas sim um território político e epistêmico de disputa, onde determinadas narrativas são legitimadas em detrimento de outras. Nesse contexto, evidencia-se a persistência da colonialidade do saber (Quijano, 2005), que se manifesta na hegemonia de epistemologias eurocentradas e na sistemática exclusão de saberes produzidos por intelectuais negros, africanos e afro-brasileiros.

A partir de uma abordagem metodológica mista, com base em análise quantitativa e crítica do conteúdo publicado entre 1995 e 2024 na revista Espaço e Cultura, a pesquisa demonstra que os temas relacionados à cultura afro-brasileira, em especial às religiões de matriz africana, permanecem marginalizados nas publicações geográficas. Essa lacuna revela não apenas uma omissão temática, mas a reprodução de um racismo epistêmico estrutural, que compromete a pluralidade e a justiça cognitiva na formação universitária. O conceito de epistemicídio (Carneiro, 2005) é central para compreender como a ausência desses saberes é resultado de uma política acadêmica que historicamente deslegitima as epistemologias negras.

O trabalho dialoga com autoras e autores que tensionam a geopolítica do conhecimento (Mignolo, 2014; Walsh, 2007) e propõem uma reconfiguração dos currículos universitários a partir de epistemologias afrodiaspóricas. A pesquisa também se ancora em experiências pessoais e coletivas de enfrentamento ao silenciamento institucional, especialmente no contexto do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde a autora iniciou sua trajetória acadêmica e enfrentou diretamente os desafios da deslegitimação de pesquisas voltadas à religiosidade de matriz africana.

Ao longo da dissertação, defende-se a urgência de uma geografia cultural comprometida com a valorização da diversidade epistêmica, com o reconhecimento da ancestralidade africana e com a luta antirracista dentro da universidade pública brasileira. O estudo propõe que o currículo, ao invés de espaço de reprodução de colonialidades, deve ser compreendido como território insurgente, onde se articula a possibilidade de romper com silenciamentos históricos e incorporar vozes dissidentes e plurais. A valorização de autorias negras, a inclusão de conteúdos afrorreferenciados e o fortalecimento de políticas curriculares afirmativas são apontados como caminhos para a descolonização da ciência geográfica.

Por fim, a dissertação se inscreve como uma contribuição para os debates sobre justiça cognitiva, direito à memória e transformação das práticas pedagógicas no ensino superior. Ao evidenciar a invisibilização das culturas de matriz africana nos espaços de produção do conhecimento, este trabalho busca não apenas diagnosticar um problema estrutural, mas também propor caminhos de enfrentamento e reexistência a partir de uma geografia negra, situada e engajada com a vida.

Palavras-chave: geografia cultural; matriz africana; epistemologias negras; currículo universitário; descolonização.